Um passinho para a frente

Octávio Thyrso de Andrade

A evolução política na União Soviética trouxe ao noticiário, desde a ascensão de Gorbatchóv, alguns vocábulos do léxico russo. O primeiro foi **glasnost**, que significa abertura. Tomamos conhecimento, após, de **perestroika**, ou seja, de reforma econômica. Agora mais dois vocábulos rebarbativos escaparam para o Ocidente. São eles **sovmestniye predpriyativa**. O que querem dizer? Algo hediondo aos xiitas de todas as latitudes: — A cooperação com capitalistas para a produção de gêneros e prestação de serviços na URSS (**Time**, 22/6).

Novo departamento para promover **joint-ventures** com estrangeiros acaba de ser criado no Ministério de Comércio Exterior russo. O funcionário que o dirige sintetizou a "filosofia" da repartição como não o faria melhor o mais voraz executivo internacional: — "Uma vez que tivermos o lucro como objetivo será ele tão importante para nós como para os demais", disse o **apparatchik** Yuri Dryomov. "Nossas relações serão muito mais interessantes quando tivermos dinheiro vivo em nossas mãos", acrescentou o competente comunista.

Assim volta-se ao longínquo ano de 1921, quando Lênin dizia ao capitalista Armand Hammer: "Carecemos de capital americano e assistência técnica para pormos tudo em funcionamento de novo". Stalin apropriou-se do Kremlin com a morte do fundador do PC russo e mandou Hammer vender seus investimentos na pátria soviética. Agora Gorbatchóv retorna ao ponto de partida.

No decorrer da conferência internacional de comércio realizada em Moscou, em maio último, foram feitas mais de 200 solicitações para a criação de **joint-ventures** entre estrangeiros e russos, das quais 120 estão sendo seriamente estudadas — anunciou o vice-diretor da Comissão Estatal de Economia Exterior, de nome Ivan Ivanov (**Time**, id.).

A União Soviética não se acha a caminho de tornar-se capitalista, como pode parecer aos apressados, mas já se situa a anos-luz de distância dos xiitas brasileiros, os quais vêem no empresário estrangeiro a presença física do Diabo propriamente dito.

A notícia merece registro especial na hora em que o sr. José Sarney esboçou as primeiras linhas da **glasnost** local. A **nomenklatura** tupiniquim admitirá alguma brecha na fortaleza de privilégios e monopólios em que assenta o seu poder incontrastável? Não é provável... A convicção que o Estado é um **big-brother**, sem cuja presença seria impossível viver, acha-se muito generalizada no Brasil.

A prova mais expressiva de tal mentalidade nos é dada pela permanência do monopólio estatal do petróleo, apesar de constar nos cartórios que a dívida externa é filha legítima da Petrobrás. O povo não toma conhecimento de que a política monopolista sempre é ruinosa à coletividade, nem se apercebe de que o "nacionalismo" em matéria energética alimenta implacavelmente o incêndio da inflação.

As desigualdades sociais ampliam-se com o indiscriminado bombeamento de recursos de todas as classes sociais, mesmo as mais desfavorecidas, para os investimentos da empresa monopolista. Aos políticos é indiferente a incomensurável injustiça social. A Petrobrás continua intocável.

O balanço de pagamentos é campo para infindáveis experiências, mágicas e mesinhas. Não se adota a melhor providência para equilibrar depressa as contas externas: a franca abertura da atividade petrolífera ao capital de risco do Exterior. A deterioração incessante da moeda nacional obscurece ainda mais o cenário, ao elevar todos os dias o valor da fatura do petróleo. As baixas no preço externo da matéria-prima não repercutem beneficamente entre nós, devido à queda constante da taxa de câmbio.

O gigantesco Brasil será mais fraco do que os minúsculos Kuwait e Abu-Dabi para temer a presença de multinacionais que tornaram os dois insignificantes principados multibilionários? Não é. Mas a casta integrada pela **nomenklatura** local e seus associados estrangeiros e nacionais ocupa entre nós posição similar à dos **sheiks** feudais dos países árabes: goza do mesmo **status** retrógrado e intolerável, situando-se acima de toda a Nação.

Se vivessem no século passado, os constituintes que propugnam a manutenção desse estado de coisas estariam a bater-se contra a imigração de trabalhadores livres — teríamos "reserva de mercado" para os escravocratas — e se oporiam ao ingresso dos capitais estrangeiros que criaram nossos primeiros portos e ferrovias modernas. No entanto, intitulam-se "progressistas", em antológico exemplo de aplicação da "língua-de-pau", a que se referiu George Orwell. A prova de que não o são é a ênfase dada ao intervencionismo estatal no projeto de Constituição em esboço.

Houvesse preponderância de liberais na Constituinte, conquistaríamos a limitação da atividade coercitiva do governo — o que poderia ser estabelecido em poucas linhas. Não se admitirá jamais, por exemplo, a definição de "empresa nacional" acolhida pelo relator da Comissão de Sistematização terrivelmente obstrusiva ao progresso do país. Ao conceber o deplorável texto, os constituintes não levaram em conta que o progresso tecnológico pode, no futuro, tornar a defesa de insuspeitadas liberdades ainda mais importantes do que a de outras geralmente preservadas pelos direitos fundamentais tradicionais — conforme observação do jurista suíço Z. Giacometti citado por F.A. Hayek em "Law, Legislation and Liberty".

Voltando à **glasnost** do sr. José Sarney, consignemos representar o novo discurso um progresso digno de aplausos, notadamente diante da maré montante de ignorância e jacobinismo. Infelizmente o noticiário sobre a Constituinte não nos leva a crer que a nossa futura Carta Magna — como gostam de dizer os enfáticos — afirme o papel do Estado como árbitro entre as classes a fim de impedir o domínio de umas sobre outras. A ignorância e o clientelismo perseveram na concepção de que o governo é o cabo do relho com o qual uns poucos chicoteiam todos os demais.